

Mitos de origem: Onde começa a vida?

Borres Guilouski
Diná Raquel da Costa
Elói Corrêa dos Santos
Emerli Schlögl
Roseli Correia de Barros Casagrande
Valmir Biaca

O que são os Mitos? Para que eles servem?

Mito é o mesmo que lenda?

Os mitos de origem são histórias simbólicas que narram acontecimentos de um passado distante, eles dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo e todos os seres passaram a existir. Os mitos se relacionam com a vida social, a religiosidade, o modo de pensar de cada povo. Eles expressam maneiras diferentes de compreender o surgimento do Universo, da Vida, da Humanidade e do Planeta onde vivemos. Os mitos fazem parte da cultura e da religião de todos os povos. Desde os tempos mais remotos, os mitos são certamente, o primeiro recurso de linguagem simbólica utilizada pelos seres humanos com o propósito de explicar a realidade. Trata-se de uma linguagem poética e intuitiva que vai além da lógica racional. Os mitos de origem são uma tentativa de explicar por meio de narrativa o surgimento de todas as coisas.

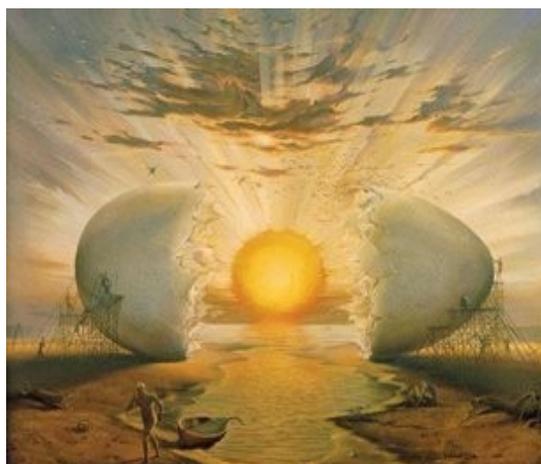


Imagem: <http://stelalecocq.blogspot.com/2009/04/arcanjo-miguel-o-ovo-cosmico.html>. Reprodução do quadro "Sunrise by the Ocean" do artista Vladimir Kush. O ovo cósmico nesse quadro simboliza o começo da Vida no Universo e a origem do Céu e da Terra.

QUAL SERÁ A DIFERENÇA ENTRE MITO, LENDA, CONTO E FÁBULA?

Os **mitos** são narrativas sobre a origem do mundo, dos homens e das coisas, por meio das relações entre deuses e forças sobrenaturais, cuja ação aconteceu quando o mundo foi formado, o *princípio*. Ou melhor, o mito é, com frequência, a narrativa sobre o tempo onde tudo foi criado e sempre é objeto de crença. Exemplo: Gênese, cosmo visão indígena e africana.

O mito também é uma narração que explica os fatos da realidade, os fenômenos da natureza, os mitos são bastante simbólicos, são histórias carregadas de metáforas. Neles aparecem Deuses, seres sobrenaturais, heroínas, heróis, etc. O mito nos fornece mensagens profundas sobre nossa própria experiência humana. As histórias contadas pelas religiões,

tenham elas sido escritas ou não, são consideradas mitos religiosos para os pesquisadores de religiões. O mito religioso explica a realidade por meio de histórias sagradas.

As **lendas** são narrativas antigas que misturam fatos, lugares reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. Elas procuram dar explicações para acontecimentos misteriosos e sobrenaturais. Exemplo: Boitatá e Curupira. As lendas se vinculam ao folclore. Na medida em que são contadas as lendas vão se modificando, bem ao sabor de quem conta a história.

O **conto**, por sua vez, é uma narrativa que acontece em qualquer lugar e tempo presente, passado ou futuro. O conto não se aprofunda nas características físicas e nas ações dos personagens, por se tratar de uma ficção. A função do conto é procurar levar o narrador a se envolver na trama. Exemplo: Bela Adormecida e Rapuzel.

A **fábula** é uma narrativa com objetivo de trazer algum ensinamento moral, cujos personagens são animais dotados de qualidades humanas. Exemplos: Chapeuzinho Vermelho e a Lebre e a Raposa.

1) ATIVIDADE:

a) Depois de ler as histórias abaixo, assinale com um (X) para classificar as narrativas como mito, lenda, conto ou fábula:

Boto cor-de-rosa

“A narrativa do boto tem sua origem na região amazônica (Norte do Brasil). Ainda hoje é muito popular na região e faz parte do folclore amazônico e brasileiro.

De acordo com a história, um boto cor-de-rosa sai dos rios nas noites de festa junina. Com um poder especial, consegue se transformar num lindo jovem vestido com roupa social branca. Ele usa um chapéu branco para encobrir o rosto e disfarçar o nariz grande. Com seu jeito galanteador e falante, o boto aproxima-se das jovens desacompanhadas, seduzindo-as.

Logo após, consegue convencer as mulheres para um passeio no fundo do rio, local onde costuma engravidá-las. Na manhã seguinte volta a se transformar no boto”.

http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_boto.htm - acesso em 15/05/2009

() mito () conto () fábula () lenda

PARAÍSO

“No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto aos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente.

Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim, e dividia-se em quatro braços.

(...) O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo. Deu-lhe este preceito: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, com certeza morrerás”. O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves dos céus e a todos os animais dos campos;

O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só, vou dar-lhe uma ajudadora que lhe seja adequada”.

Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto dormia, tomou-lhes uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e levou-a para junto do homem.

“Eis agora daqui, disse o homem, osso de meus ossos e a carne da minha carne, ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem.

Por isso o homem deixará o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. Neste tempo o homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam”.

GENESIS. In **Bíblia Sagrada**. Edições Claretiana. 74ª edição. 1993.

() mito () conto () fábula () lenda

A TERRA ONDE NUNCA SE MORRE - História contada por Italo Calvino

Um moço resolveu que por não gostar muito dessa coisa de todos terem que morrer um dia, iria procurar um lugar onde a morte não o encontrasse, uma terra onde não se morre nunca. Se despede de familiares e amigos e sai a procura deste lugar.

Durante o caminho pergunta para as pessoas se elas podem lhe dizer onde fica o lugar no qual a morte não chega, mas ninguém sabia lhe dar esta informação. Um belo dia encontrou um senhor velhinho, cuja barba branco já atingia o peito. Esse velhinho carregava um carrinho cheio de pedras. O moço fez a mesma pergunta para ele que respondeu assim:

- Não quer morrer? Fica comigo ! Enquanto eu não tiver terminado de transportar toda aquela montanha pedra por pedra , você não há de morrer.

O moço perguntou:

-Quanto tempo vai levar?

E ao ouvir que levaria 100 anos e que depois desses anos ele morreria, o moço disse:

- Não, não, esse lugar não é para mim, quero ir a um lugar onde não se morre nunca.

Assim se despediu e seguiu viagem. Chegando a um imenso bosque, viu um velhinho cuja barba branca chegava até o umbigo e com ele começou uma conversa. O velhinho podava árvores, mas parou para ouvir o moço que queria saber se ele conhecia um lugar onde não se morre nunca. O velhinho respondeu:

- Fique comigo , pois enquanto eu não tiver cortado o bosque inteiro você não vai morrer.

O moço perguntou sobre o tempo que levaria e a resposta foi 200 anos, de depois ele também morreria.

Opa! Isso eu não quero, e assim ele se despediu e foi embora.

Depois de meses caminhando sozinho ele encontrou um velhinho cuja barba branca já chegava na altura dos joelhos. Esse homem apenas observava um pato bebendo a água do mar. O moço então foi direto ao assunto de seu interesse:

- Por favor , o senhor conhece o lugar onde nunca se morre?

O velhinho diz:

-Se tem medo de morrer , fique comigo. Olhe: enquanto este pato não tiver enxugado o mar com seu bico, você não há de morrer.

A conversa continuou:

- Quanto tempo vai levar?

- Cerca de trezentos anos!

- E depois será preciso que eu morraa?

- E o que pretende? Quantos anos mais gostaria de viver? Claro que vai morrer!

- Então aqui é o meu lugar, vou embora buscar a terra onde nunca se morre, Obrigado pela sua atenção e adeus!

Lá foi o jovem , que com o passar do tempo também ia envelhecendo. Chegou cansado a um palácio magnífico, e foi atendido por um velhinho cuja barba chegava até a altura dos pés. E a conversa foi assim:

- O que deseja meu bom jovem?

-Estou a procura do lugar onde não se morre nunca.

-Então acertou, esse é o lugar onde não se morre nunca. Enquanto ficar aqui comigo, esteja seguro de que não morrerá.

-Finalmente! Andei um bocado! Esse é exatamente o lugar que eu procurei por tanto tempo. Mas é o senhor? Esta feliz por eu estar aqui?

- Claro que sim! Venha me fazer companhia!

Desse modo o jovem se estabeleceu no palácio, os anos foram passando e não dava nem para perceber. Um dia o jovem disse ao senhor:

- Puxa ida, junto com o senhor a gente se sente realmente bem, mas gostaria de ir ver como andam meus parentes.

- Mas que parentes você quer ir ver? A essa altura estão todos mortos a muito tempo.

- Bem, que quer que eu lhe diga? Tenho vontade de rever minha terra natal e quem sabe não encontro os filhos dos meus parentes.

- Se está mesmo decidido vou lhe ensinar como deve fazer. Vá até a estrebaria, pegue meu cavalo branco, que possui a virtude de andar como o vento, mas lembre-se de não descer jamais da sela, por nenhuma razão, pois, se descer morrerá no mesmo instante.

- Obrigada, pode deixar, já entendi e como tenho muito medo de morrer vou seguir a risca suas recomendações.

Pegou o belo cavalo que era branco, bonito e veloz e seguiu viagem. Ele e o cavalo passaram pelo lugar onde o moço havia encontrado o velho com o pato, e ali onde estava antes o mar havia agora apenas terra seca. Num lado ele viu uma pilha de ossos que era o que havia sobrado daquele velhinho. Aí o moço pensou em voz alta:

- Fiz bem em seguir adiante: se tivesse ficado com esse aí a esta hora também eu estaria morto!

Continuando o caminho chegou onde ao lugar que antes era um grande bosque no qual conhecia o velhinho que podava árvores. Agora tudo era descampado. Aí o moço soube que se tivesse ficado por ali, nessas horas já estaria mortinho.

Depois cavalgando chegou ao lugar da montanha de pedras, e o mesmo percebeu. Nada de montanha e também nada de velhinho.

Então, cavalgou muito e chegou em sua terra natal. Tudo tão mudado, não reconhecia mais nada. Não encontrou sua casa, o nome das ruas eram outros, até as ruas eram outras. Perguntava às pessoas sobre seus familiares, e ninguém sabia informar nada, seu sobre-nome era desconhecido por ali. Sentindo-se triste decidiu, então, regressar

imediatamente para o palácio. Virou o cavalo na direção da volta e foi embora. Não estava nem na metade do caminho quando encontrou um homem conduzindo uma carroça de boi.

- Senhor, por favor, faça-me uma caridade. Desça do cavalo, por um breve momento e me ajude a levantar essa roda que se soltou.

- Descupe, tenho pressa, não posso descer da sela, disse o jovem.

- Ah, conceda-me essa graça, veja que estou sozinho e que a noite não tarda a chegar.

Com pena, o rapaz desceu da sela e ... o homem o segurou fortemente pelo braço e disse:

-Ah! Finalmente o peguei ! Sabe quem sou?Sou a Morte! Está vendo todos aqueles sapatos furados ali dentro da carroça? Pois é... todo mundo precisa acabar em minhas mãos,não há escapatória!

E ao pobre jovem, também a ele só restou morrer!

E assim todos sabemos que não há como escapar desse nosso destino comum.

mito conto fábula lenda

O PATINHO FEIO

(contada por Clarissa Pinkola-Estés):

"Já estava quase na época da colheita. As velhas faziam bonecas verdes com a palha do milho. Os velhos remendavam cobertores. As moças bordavam flores de um vermelho vivo nos seus vestidos brancos. Os rapazes cantavam enquanto empilhavam o feno dourado. As mulheres tricotavam blusões ásperos para o inverno que viria. Os homens ajudavam a colher, arrancar, cortar e ceifar os frutos que os campos haviam produzido. O vento apenas começava a soltar as folhas, um pouco mais, e mais um pouco a cada dia que passava. E lá para os lados do rio, uma pata chocava uma ninhada de ovos.

Tudo estava indo como deveria para essa mãe pata e, afinal, um a um, os ovos começaram a tremer e sacudir até que as cascas racharam e deles saíram cambaleantes seus novos filhotes. Restava, porém, um ovo, um ovo muito grande. Ele estava ali parado como uma pedra. Uma velha pata veio visitar, e a mãe pata exibiu seus filhotes.

- Eles não são lindos? - gabou-se ela. Mas o ovo ainda sem rachar chamou a atenção da velha pata, e esta tentou dissuadir a mãe de continuar a chocar aquele ovo.

- É um ovo de peru - exclamou a velha pata. - Absolutamente não serve como ovo. Não se pode levar um peru para dentro d'água, você sabia? - Ela sabia, porque já havia tentado.

A mãe pata, no entanto, achou que estava chocando há tanto tempo que mais um pouquinho não ia fazer mal.

- Não estou preocupada com isso - disse ela. - Mas você sabia que o safado do pai desses patinhos ainda não veio me visitar uma vez sequer?

Afinal, o ovo grande começou a estremecer e a rolar. Acabou quebrando, e dele saiu uma criatura grande e desajeitada. Sua pele era marcada por veias sinuosas azuis e vermelhas. Seus pés eram de um roxo raro. Seus olhos, de um rosa transparente. A mãe pata inclinou a cabeça, esticou o pescoço e o contemplou. Não pôde se conter: ele era feio mesmo. "Talvez seja mesmo um peru", preocupou-se ela. Contudo, quando o patinho feio entrou na água acompanhando os outros filhotes, a mãe pata viu que ele nadava muito bem. "É, ele é dos meus, apesar de ter essa aparência tão estranha. No fundo, porém, do ângulo certo... ele é quase bonito."

E assim ela o apresentou às outras criaturas do quintal da fazenda, mas, antes que percebesse, outro pato atravessou o quintal a toda e bicou o patinho feio bem no pescoço.

- Ei, você aí, criatura horrorosa - disseram, rindo à socapa. - Quer vir conosco até o próximo condado? Há um bando de gansas solteiras por lá, prontas para serem escolhidas.

De repente, ecoaram tiros. Os gansos caíram com um baque e a água do pântano ficou vermelha com seu sangue. O patinho feio mergulhou para se abrigar, e por toda a parte só havia tiros, fumaça e cães latindo. Afinal, o pântano ficou tranqüilo, e o patinho saiu correndo e voando a maior distância possível. Perto do anoitecer, ele chegou a um pobre casebre. A porta estava pendurada de um barbante, e havia mais fendas do que paredes. Ali vivia uma velha esfarrapada com seu gato desgrenhado e sua galinha vesga. O gato fazia jus a morar com a velha por apanhar camundongos. A galinha, por botar ovos.

A velha achou que estava com sorte por ter encontrado um pato. Talvez fosse uma pata e também botasse ovos e, se não fosse, podemos matá-lo para comer. E assim o pato ficou, mas ele era perseguido pelo gato e pela galinha.

- Para que você serve se não bota ovos e não sabe apanhar camundongos? - perguntavam-lhe os dois.

- O que mais gosto de fazer - disse o patinho com um suspiro - é ficar "debaixo", quer seja debaixo da amplidão azul do céu, quer debaixo do frescor azul da água.'- O gato não via nenhum sentido em querer ficar debaixo d'água e criticou o patinho pelos seus sonhos idiotas. A galinha não conseguia ver a graça de ficar com as penas molhadas e também debochou do patinho. No final das contas, ficou claro que aqui também não haveria paz para o patinho, e por isso ele partiu para ver se as coisas podiam ser melhores mais adiante. Ele encontrou por acaso um laguinho e, enquanto estava nadando, foi ficando cada vez mais frio. Um bando de aves passou voando lá em cima, as mais lindas que ele já havia visto. Elas gritaram para cumprimentá-lo, e ouvir suas vozes fez com que o coração do patinho saltasse e se apertasse ao mesmo tempo. Ele gritou de volta com uma voz que nunca havia emitido antes. Ele nunca havia visto criaturas mais lindas, e nunca havia se sentido mais desolado.

Ele girou e girou na água para observá-las enquanto desapareciam nos céus e depois mergulhou até o fundo do lago e ali se aninhou, trêmulo. Estava fora de si por sentir um amor desesperançado por aqueles enormes pássaros brancos, um amor que ele não conseguia entender. Um vento mais frio começou a soprar e foi ficando cada vez mais forte com o passar dos dias. E a neve caiu sobre o gelo. Os velhos quebravam o gelo nos baldes de leite, e as velhas fiavam até tarde da noite. As mães alimentavam três bocas de cada vez à luz de velas, e os homens saíam à procura de ovelhas sob o céu branco da meia-noite. Os jovens entravam na neve até a cintura para ir ordenhar, e as moças imaginavam ver o rosto de rapazes bonitos nas chamas do fogão enquanto cozinhavam. E no lago ali por perto, o patinho precisava nadar

b) Pesquise e escreva um mito da criação do mundo de uma das tradições abaixo, lembrando que este mito é considerado um texto sagrado para a tradição.

- a) Indígena:
- b) Afrobrasileira;
- c) Hinduísta
- d) Cristã



ABORDANDO OS MITOS DE ORIGEM

As culturas religiosas do mundo todo se desenvolvem por meio da linguagem simbólica que transmite por meio de seus mitos ensinamentos fundamentais e que se traduzem na poética do corpo, por meio dos rituais.

As tradições religiosas se valem de suas histórias sagradas para transmitir mensagens profundas aos seus seguidores, nelas muitos segredos são revelados (Figura

01¹).

Os mitos possuem seus segredos sagrados, que são revelados apenas em parte, mantendo assim a sua parcela de mistério.

Na busca pela totalidade, pela integração, os mitos religiosos cumprem um papel fundamental, eles organizam e apresentam aos seres humanos possibilidades de superação, e de maior contato consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com o sagrado (instância espiritual).

Pelos mitos as pessoas se aproximam do mistério. É por esta perspectiva que compreendemos o mito, no contexto das religiões. O mito religioso é a expressão verbal do mistério, este guarda e ao mesmo tempo revela conhecimentos sagrados. O mito é essencialmente simbólico e cumpre a tarefa de enviar mensagens que atingem os planos conscientes e inconscientes dos seres humanos.

¹ Significado da imagem que aparece no texto, extraída do site:

http://indios-brasileiros.info/mos/view/Da_cria%C3%A7%C3%A3o_ao_modo_de_vida/ - A imagem representa o mito de origem do mundo na tradição do povo Tupi-Guarani, narra que um poderoso Criador tinha como coração o Sol. O tataravô desse Sol soprou uma fumaça do cachimbo sagrado e a Mãe Terra surgiu. Ela, então chamou sete anciões e disse que desejava criar uma humanidade. Navegando em uma canoa (como se fosse uma cobra de fogo no céu), eles foram conduzidos a Terra e aqui criaram o primeiro ser humano e deram-lhe a responsabilidade de ser guardião da roça. Os anciões se transformaram em arco-íris e por eles o ser humano pode viver na Terra. Nomeado de Nhandervuçu (Pai Antepassado). Das águas do Grande Rio Nhanderykei-cy, os anciões criaram a Mãe Antepassada. Juntos geraram a humanidade e o pai se transformou em Sol e a mãe em Lua que seriam os tataravôs dos Guarani.

O mito organiza entendimentos de mundo e fornece a inspiração necessária para dar sentido para a vida e conduzi-la conforme um plano, muitas vezes, considerado divino.

Os mitos também favorecem o fortalecimento dos laços de uma comunidade, pois oportuniza que as pessoas vivenciem as mesmas compreensões de vida e de mundo o que unifica o grupo despertando sentimentos e desejos compartilhados por todos. Assim, os mitos atuam profundamente tanto no indivíduo quanto no grupo.

Concluimos que uma das tarefas principais do mito é fornecer apoio e motivar o indivíduo a participar de uma vida mais ampla e plena de sentido.

A criação do mundo



Quem quer ouvir uma historinha?

O mito de origem mais conhecido entre nós, por influencia da cultura judaico-cristã é o narrado na Bíblia, que afirma que as pessoas foram criadas “a imagem e semelhança do Criador”, porém, as demais tradições, também tem seus mitos de origem.

Vamos trabalhar com os mitos de origem afro que narra a forma como as religiões de matriz africana falam sobre a origem do mundo.

Na mitologia *yorubá*, o Deus Supremo é [Olorum](#), chamado também de [Olodumare](#), na qualidade de criador de tudo o que existe. Olorum criou o mundo, todas as águas, terras, todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos. Até que ordenou que [Oxalá](#) criasse o [homem](#).

[Oxalá](#) criou o homem a partir do ferro e depois da madeira, mas ambos eram rígidos demais. Criou o homem de pedra - era muito frio. Tentou a água, mas o ser não tomava forma definida. Tentou o fogo, mas a criatura se consumiu no próprio fogo. Fez um ser de ar que depois de pronto retornou ao que era, apenas ar. Tentou, ainda, o azeite e o vinho sem êxito.

Triste pelas suas tentativas infecundas, [Oxalá](#) sentou-se à beira do rio, de onde [Nanã](#) emergiu indagando-o sobre a sua preocupação. [Oxalá](#) fala sobre o seu insucesso. [Nanã](#) mergulha e retorna da profundidade do rio e lhe entrega lama. Mergulha novamente e lhe traz mais lama. [Oxalá](#), então, cria o homem e percebe que ele é flexível, capaz de mover os olhos, os braços, as pernas e, então, sopra-lhe a vida.

Oxalá e Nanã são orixás (divindades) da religião de matriz africana.

Adaptado: Disponível em: <antuardosorixas.blogspot.com.br/p/mitologia-ioruba-origem.html> Acesso: 06/03/2013.

MITOS DE CRIAÇÃO PARA ALGUMAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS.

Conta um mito hinduísta que assim como um homem solitário e infeliz, Deus também era se sentia sozinho e queria uma companhia. Como ele era tão grande quanto um homem e uma esposa juntos pode se dividir em dois e foi assim que surgiram o marido e a esposa nasceram.

Deus disse: - O homem é só metade; sua esposa é a outra metade.

Eles se uniram e a humanidade nasceu.

Então a mulher pensou que já que ela e ele vinham do corpo do mesmo Deus ela iria se esconder do homem, e se transformou em vaca, ele logo se transformou em touro e foi assim que nasceu o gado.

Então ela se tornou uma égua, e ele rapidamente se transformou num garanhão; ela se tornou uma jumenta, ele um jumento; assim eles se uniram e deles nasceram os adoráveis animais que possuem casco.

Depois ela se tornou uma cabra e ele um bode e tiveram graciosos cabritinhos. E, então, se tornou uma ovelha e ele um carneiro; eles se uniram e as espertas ovelhinhas nasceram.

Vejam só dessa forma tudo foi criado, do corpo de Deus, macho e fêmea em todas as suas formas de vida.

Como você percebeu pelo mito hinduísta anteriormente narrado, o hinduísmo vê o sagrado se manifestando na forma feminina e masculina. Observe, na ilustração, a Deusa *Laksmi*, e saiba um pouco mais sobre sua história mitológica. Esta Deusa é considerada esposa do Deus *Vishnu*, aquele que sustenta e mantém o universo. Ela representa a beleza, a riqueza material e espiritual, bem como a generosidade. Geralmente ela é representada de pé ou sentada sobre uma flor de lótus desabrochada, segura em suas mãos flores de lótus, e de outras de suas mãos caem moedas de ouro.



2) ATIVIDADE:

1º) Em uma folha de papel escreva seu nome e desenhe a representação de mitos de origem em duas culturas religiosas diferentes.

2º) Abaixo de cada desenho deixe um espaço, com um traço, para que seja, mais tarde, preenchido por outra pessoa, com o nome da religião a que pertence cada imagem que você desenhou.

3º) Depois que você tiver elaborado as ilustrações entregue para seu professor (a) que embaralhará as folhas e as entregará aleatoriamente para os colegas. Estes receberão a folha, colocarão nela seu nome, e ao olharem os desenhos identificarão e escreverão o nome da religião que está ali representada.

4°) No final, a professora (o) recolhe os trabalhos e os entrega novamente para que o autor ou autora dos desenhos verifique se a identificação do nome da religião está correta, ou seja, se o nome condiz com o desenho.

5°) Novamente a folha será entregue aos que escreveram nela a fim de que verifiquem se conseguiram acertar o nome das tradições ali representadas.

Mito Tupinambá

Monã criou o céu, a terra, os pássaros e todos os animais. Antes não havia mar, que surgiu depois, formado por Amaná Tupã, o Senhor das nuvens.

Os homens habitavam a Terra, vivendo do que ela produzia regada pelas águas dos céus. Com o tempo, passaram a viver desordenadamente segundo seus desejos, esquecendo-se de Monã e de tudo que lhes ensinara.

Nesse tempo Monã vivia entre eles e os tinha como filhos.

Contudo Monã, vendo a ingratidão e a maldade dos homens, apesar de seu amor, inicialmente os abandonou e também a Terra. Depois lhes mandou tatá, o fogo, que queimou e destruiu tudo. O incêndio foi tão imenso, que algumas partes da superfície se levantaram, enquanto outras foram rebaixadas. Desta forma surgiram as montanhas.

Deste grande incêndio se salvou apenas uma pessoa, Irin-Magé, porque foi levado para a Terra de Monã.

Depois dessa catástrofe, Irin-Magé dirigiu-se a Monã e, com lágrimas, o questionou:

_ Você, meu pai, deseja acabar também com o céu? De que me serve viver sem alguém semelhante a mim?

Monã, cheio de compaixão e arrependido do que fizera por causa da maldade dos homens, mandou uma forte chuva que começou a apagar o incêndio.

Como as águas não tinham mais para onde correr, foram represadas, formando um grande lago, chamado *Paraná*, que hoje é o mar. Suas águas até hoje são salgadas, graças às cinzas desse incêndio que com elas se misturaram.

Monã, vendo que a Terra havia ficado novamente bela, enfeitada pelo mar, pelos lagos e com muitas plantas que cresciam por toda parte, achou que seria bom formar outros homens que pudessem cultivá-la.

Chamou então Irin-Magé, dando-lhe uma mulher por companheira para que tivesse filhos, esperando que fossem melhores que os primeiros homens.

Um de seus descendentes era uma pessoa de grande poder e se chamava Maíra-Monã. Maíra quer dizer “o que tem poder de transformar as coisas”, e Monã significa velho, o ancião. Maíra-Monã era imortal e tinha muitos poderes como o primeiro Monã.

Depois que Maíra-Monã voltou para sua Terra, surgiu um descendente muito poderoso, que se chamava Sumé.

Ele teve dois filhos, Tamanduaré e Arikuté, que eram muito diferentes um do outro e por isso se odiavam mortalmente.

Tamanduaré era cuidadoso com a casa, era um bom pai de família e gostava de cultivar a terra. Já Arikuté não se preocupava com nada, e passava o tempo fazendo guerra e dominando os povos vizinhos.

Certo dia, voltando de uma batalha, Arikuté trouxe para seu irmão o braço de um inimigo, dizendo-lhe com arrogância:

_ Veja lá, seu covarde! Um dia terei sua mulher e seus filhos sob meu poder, pois você não presta nem para se defender!

O pacífico Tamanduaré, atingido no seu orgulho, lhe respondeu:

_ Já que você é tão valente, em vez de trazer apenas um braço, por que não trouxe o inimigo inteiro?

Arikuté, irritado com aquela resposta, jogou o braço contra a casa de seu irmão e naquele instante, toda a aldeia foi levada para o céu, ficando na Terra apenas os dois irmãos com suas famílias.

Vendo isso Tamanduaré, por indignação ou por desprezo, começou a golpear a Terra com tanta força que acabou fazendo surgir uma fonte de água, a qual não parava mais de jorrar. Jorrou tão forte e por tanto tempo que chegou até as nuvens, iniciando uma grande inundação.

Para fugir desse novo dilúvio, os dois irmãos, com suas mulheres, refugiaram-se na montanha mais alta da região. Tamanduaré subiu numa palmeira com uma das suas mulheres, e Arikuté subiu no jenipapeiro com sua esposa, permanecendo lá até as águas diminuírem.

Com essa inundação, todos os homens e animais morreram.

Quando as águas abaixaram, os dois casais desceram das árvores e voltaram a povoar a Terra, mas cada família foi viver numa região distante.

Os Tupinambá descendentes de Arikuté são grupos rivais, até hoje, por essa razão.

(Tradução adaptada por Benedito Preziosi, do mito recolhido por Fr. André Thevet, entre os Tupinambá do Rio de Janeiro, em 1565). Mito extraído do livro: Indígenas em São Paulo – Ontem e Hoje – Subsídios didáticos para o Ensino Fundamental, Paulinas – p. 15-16. 2001.

3) ATIVIDADES:

1. Em dupla, leia com seu ou sua colega o mito indígena Tupinambá sobre a criação do mundo. Conversem sobre o que vocês entenderam dessa história simbólica e depois respondam no caderno as questões:

- a) O que fez Monã após a catástrofe do incêndio para atender ao pedido feito com lágrimas por Irin-Magé?
- b) Quem era Maíra–Monã?
- c) Como eram os dois filhos de Sumé chamados Tamanduaré e Arikuté?
- d) O que aconteceu com os dois irmãos durante o novo dilúvio?

2. Pesquise também que povos indígenas ainda vivem em nosso Estado e encontre um mito da criação do mundo de um desses povos. Ilustre com desenhos o mito e apresente para os colegas da classe.

3. Vamos conhecer agora um mito de origem do mundo cujo princípio criador é feminino?

O mito é contado pelo índio tchukarramãe Kaká Werá Jecupé. Tchukarramãe é o nome de uma nação indígena e como afirma Kaká Werá , o nome Tchukarramãe é significa para sua família: “Guerreiro sem armas”.

O mito tem origem na nação Dessâna, que habita o espaço entre os rios Tiquié e Papuri, no Amazonas.

No começo nada existia, eram apenas as trevas dominando o nada. Assim, como por encanto, a mulher se fez a si mesma e por si mesma. A partir dela todas as coisas que existem foram criadas.

Faça uma pesquisa para encontrar mitos que apresentam dividades femininas.



Vocabulário:

Espreitar: espiar.

Gênese: origem da vida e do mundo.

Gênesis: primeiro livro da Bíblia.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **Fábulas Italianas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLIS, James. **Mitologemas: encarnações do mundo visível**. São Paulo: Vozes, 2005.

Informativo ASSINTEC. Mitos de origem, 2012.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena contada por um índio.** São Paulo: Peirópolis, 1998.

SITES CONSULTADOS:

http://indios-brasileiros.info/mos/view/Da_cria%C3%A7%C3%A3o_ao_modos_de_vida/

: <http://stelalecocq.blogspot.com/2009/04/arcanjo-miguel-o-ovo-cosmico.html>